

SOCIABILIDADES SUBURBANAS: O CARNAVAL DE BANGU DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Aluna: Ana Laura Novaes dos Santos Fonseca
Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Introdução

O bairro de Bangu, situado na zona oeste do Rio de Janeiro, possui em relação a outros bairros suburbanos da cidade uma grande peculiaridade: sua história singular, fruto de um desenvolvimento recente da região. Sua história começa no ano de 1673 quando foi construída a Capela de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande. Tratava-se de uma paróquia particular erguida na fazenda de Manoel Barcelos Domingues. Foi nesta fazenda, que na verdade se chamava Engenho da Serra, que se iniciou a primeira atividade econômica da região.

Durante décadas essas terras passaram por diferentes donos pois, por serem férteis, constituíam promessas de renda e lucro. Ainda assim, não foi pela fertilidade da terra que o bairro se desenvolveu. Foi em vista das características naturais da região que um grupo de ingleses se interessou pelo local e decidiu instalar ali uma fábrica de tecidos. A abundância de água foi o fator principal para a escolha do local. Surge então em 1896 a Companhia Progresso Industrial do Brasil, que teria como seu principal empreendimento a indústria têxtil ou como é mais conhecida, Fábrica Bangu. Quando a Companhia lá chegou, tratou de fazer as primeiras mudanças na região, já que o local só possuía uma estrada, a Estrada Real de Santa Cruz. Com a instalação da fábrica nos anos de 1900 muitas casas para moradias foram construídas, além da primeira escola, a Marco Seis. Muitas ruas foram abertas e algumas receberam nomes em homenagem à fábrica, esses nomes são conhecidos até hoje por quem passa por Bangu, são elas: Rua dos Tecelões, Rua das Cardas, Rua dos Tintureiros entre outras.

O bairro nesse momento inverte sua lógica social, deixa de ser um local agrário onde anos antes tinha em sua base a mão- de- obra escravocrata para se torna a partir da chegada da fábrica um novo bairro operário. Essa novidade trouxe à região um contingente de imigrantes vindos de países diversos, além de outras regiões do estado Rio de Janeiro - como Vassouras, Valença, Barra do Piraí, entre outros. Daí por diante Bangu cresceu e se desenvolveu. À medida em que a fábrica da Companhia Progresso Industrial foi crescendo em tamanhos de espaço e importância, paralelamente seus operários também cresciam em termos organizacionais. Construíam casas, escolas e espaço de lazer. Ganhava forma, assim, um novo bairro.

Como um dos resultados de tal crescimento, que reunia em uma mesma região trabalhadora de origens diversas, começaram a surgir no bairro inúmeras associações recreativas. Destacavam-se, dentre elas, aquelas voltadas para as atividades dançantes e carnavalescas. Primeiro surgiu em 1903 a Sociedade Dançante Carnavalesca “Flor da Lira”, ao qual se seguiram outros como a Sociedades a “Flor da União” e o “Prazer das Morenas”. Os grupos fizeram nome e história durante muitos carnavais do subúrbio. Esses clubes carnavalescos ou dançantes constituíam para o morador de Bangu um importante espaço de lazer. Frequentado por homens e mulheres – em sua maioria de negros e mestiços da classe operária local - que dialogavam com os modelos de folia projetados pelos clubes da região central da cidade para promover sua própria festa.

Objetivo

Frente à importância assumida por esses clubes dançantes e carnavalescos para a vida do bairro, o tema proposto tem como objetivo inicial mostrar a formação da identidade suburbana a partir do carnaval banguense, para dar consistência ao entendimento sobre a identidade da diversão no subúrbio. Se a fábrica foi o ponto chave para a formação do bairro, foi através do lazer propiciado por esses clubes dançantes que seus moradores constituíram suas redes de sociabilidade.

O fato de que o lazer aparecesse em Bangu como meio privilegiado e fazer com que os moradores locais construíssem suas redes de identidade proporciona, assim, como uma aparente novidade. No artigo “Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária”, Claudio Batalha defende que a forma privilegiada de criação de identidades dentre os trabalhadores seria não o lazer, mas o trabalho. Nessa perspectiva, seria somente através dos grupos de resistência ou de ajuda mútua, formados dentro do espaço do trabalho, que os trabalhadores articulariam sua identidade – idéia que exclui a possibilidade de que os clubes dançantes tenham tido importância nesse processo. Frente a posições como essa, hegemônicas ainda na historiografia sobre o processo de formação da classe trabalhadora no Brasil, o caso de Bangu aponta outras possibilidades de articulação dos trabalhadores, nos quais a dança, a diversão e o lazer aparecem como forma privilegiada de concretizar uma identidade mais ampla entre os trabalhadores de uma mesma região.

Metodologia

O material coletado baseia-se em fontes impressas, fontes manuais e orais. Uma vez encontrado material que correspondam a Bangu e a seus clubes dançantes, podemos consolidar e afirmar que a identidade da região também se constituiu através do lazer.

Conclusão

Com uma escassa historiografia sobre os clubes dançantes suburbanos nossa pesquisa tem por finalidade identificar essa realidade a partir do bairro Bangu. Em suas proporções era um bairro operário em formação, que na época proposta (início do século XX) suas identidades estavam em formação através das redes sociais de trabalho e também através do lazer nos clubes dançantes. Desta maneira iremos trazer a luz da historiografia essa nova perspectiva.

Bibliografia

- BATALHA, Cláudio H. M., Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária, Cadernos AEL, No. 10/11, “Campinas, IFCH/UNICAMP, 1999.
- SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. Fábrica Bangu 100 anos- “Livro comemorativo da Companhia Progresso Industrial do Brasil, Rio de Janeiro, 1989.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio Dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). In: “Carnavais e outras f(r) estas: ensaios de história social da cultura”/ Maria Clementina Pereira Cunha (org.). - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, ECULT, 2002.